
O papel do crítico e da crítica cinematográfica dentro do jornalismo cultural¹

Pedro Henrique PIMENTA²
Felipe Campo DALL'ORTO³
Faesa Centro Universitário, Vitória, ES

RESUMO

A crítica cinematográfica é um tema pouco estudado dentro do jornalismo cultural. Por esse motivo, o presente artigo se propõe a investigar o papel do crítico de cinema junto à sociedade e o que constitui uma crítica. O trabalho também tem o objetivo de entender a diferença entre crítica e opinião, a relação com o público e perceber o papel desta no debate sobre cinema, arte e temáticas sociais. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, além de entrevistas com profissionais que atuam na área, a fim de entender a função da crítica no âmbito teórico e prático.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. Crítica Cinematográfica. Crítico de cinema.

Introdução

A crítica cinematográfica talvez seja fundamental para a experiência cinematográfica, tendo em vista que a reflexão, a interpretação e o debate sobre uma obra ajudam a complementar a sensação de assistir a um filme, levando o espectador a entender como o diretor manipulou as emoções deste através de recursos narrativos. Dessa forma, o crítico desempenha um trabalho vital para a relação entre o público e a obra, sendo ele quem estuda a linguagem fílmica para melhor interpretar o texto que o diretor imprime em seu filme. A partir dessa leitura, o profissional da crítica elabora argumentos com base em suas referências para desenvolver a discussão (CARVALHO, 2008).

O presente artigo tem como objetivo, por meio de pesquisas e entrevistas, estudar o papel do crítico perante à sociedade e também, no jornalismo cultural. Para isso, busca-se compreender qual o papel do crítico? O que constitui uma crítica cinematográfica e como esse segmento se encaixa no jornalismo?

1 Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2 Graduando do Curso de Jornalismo da Faesa Centro Universitário, e-mail: pedrohenriquepimenta1@hotmail.com

3 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faesa Centro Universitário, e-mail: fdallorto@yahoo.com.br

Muitas vezes marginalizado pela visão popular, a crítica é de extrema importância para o debate artístico, a conexão com a linguagem audiovisual e para a formação de cidadãos.

Por muito tempo, os críticos, e por consequência as críticas, eram vistas como produtos respeitáveis no jornalismo, tendo por anos o título de estudiosos de uma área, porém, com a ditadura militar, que exercia forte censura nos jornais, isso mudou. Os periódicos passaram a abandonar a crítica e o texto opinativo, substituindo-os por agendas culturais e reportagens.

Com esse formato, a crítica acabou se afastando do jornalismo cada vez mais, tendo diversos jornais que nem sequer têm esse segmento incluso em suas páginas ou em seu conteúdo digital. Em razão disso, a procura de novos jornalistas por essa área só diminuiu, tendo em vista que a área ou é desvalorizada ou nem vista como jornalismo. Durante o artigo, a ideia é trabalhar os principais conceitos que cercam a crítica, a formação do crítico, a diferença entre crítica e opinião, na tentativa de valorizar essa área do jornalismo.

Um retrato histórico da crítica no jornalismo cultural

O termo cultura tem diferentes significados de acordo com áreas específicas de estudo. Na biologia possui o significado do cultivo de células ou de tecidos vivos em uma solução contendo nutrientes propícios à sobrevivência. Para a agricultura, cultura é o processo ou o efeito de cultivar a terra. Para a sociologia, é tudo aquilo que resulta da criação humana.

É possível perceber que cultura é tudo isso ao mesmo tempo, coexistindo. Etimologicamente, a palavra provém do latim “*colere*” que significa “cuidar de” e que acaba abrangendo todos os significados apresentados. Cultura é a junção de nossas ações ligadas ao social e ao terreno em que vivemos, é o que dá sentido às características particulares e coletivas de cada sociedade e comunidade.

...cultura é uma dimensão que está em e perpassa todos os aspectos da vida social; por conseguinte, é aquilo que dá sentido aos atos e fatos de uma determinada sociedade. Poder-se-ia distinguir cultura no pensamento, no ideário de valores, no comportamento das pessoas em quaisquer circunstâncias, isto é, nas relações sociais em geral, bem como nos atos políticos, nos fatos econômicos, na produção artística, na religiosidade, etc., de uma determinada coletividade (GOMES, 2011, p. 35)

Nesse contexto, o Jornalismo Cultural acabaria contemplando todo o conteúdo jornalístico, desde o esporte até a editoria de cidades, perpassando por política, por exemplo. Entretanto, ao ser transformado em editoria, o segmento cultural do jornal passou a fazer referência sobre a área do entretenimento e da arte, cobrindo eventos, shows, peças teatrais, filmes e muito mais. Segundo Faro (2012), “Jornalismo Cultural é a produção noticiosa/analítica de eventos de natureza artística e/ou editorial”.

Por tratar de assuntos mais ‘leves’, essa editoria possui uma linguagem menos robusta que as demais dentro dos periódicos. Porém, para entender como o Jornalismo Cultural ganhou um formato diferenciado, é preciso entender a história dessa editoria.

Segundo Piza (2008), o início da história do jornalismo cultural se dá em 1711, na Inglaterra, com a criação do jornal diário intitulado “*The Spectator*”. O periódico usava a linguagem culta da época, entretanto, possuía um dinamismo nos textos que diferia da concorrência da época, com a proposta de “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casa de chá e cafés” (PIZA, 2008, p. 11).

O autor também fala que o jornal nasceu “na cidade e com a cidade” (PIZA, 2008, p. 12), trazendo o significado inicial de cultura, que fala sobre a relação com meio, com o terreno e o com social. Este significado focava no homem contemporâneo, que se preocupava com as novidades do entretenimento, como moda e teatro. “*A Spectator*” se dirigia ao homem da cidade, ‘moderno’, isto é, preocupado com moda, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política” (PIZA, 2008, p. 12).

Junto ao Jornalismo Cultural, nasceu a crítica artística. Segundo Pimentel (2012), um dos primeiros grandes críticos culturais foi Samuel Johnson, que ficou famoso por seus ensaios sobre Shakespeare. Piza (2008) complementa afirmando que Johnson é “o pai dos críticos europeus, americanos e brasileiros” (2008, p. 14).

Conforme o passar dos anos, a crítica e a editoria de cultura andaram lado a lado, ganhando imensa popularidade. Durante os séculos XVIII e XIX, os críticos franceses Diderot e Baudelaire tiveram muito destaque com suas críticas e resenhas sobre arte.

Em todo momento de muita agitação intelectual e artística do século XX, em toda cidade que vivia efervescência cultural, a presença de diversas revistas, com ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além da publicação de contos e poemas – era ostensiva (PIZA, 2008, p. 19).

Já o texto mais desconstruído presente no jornalismo cultural até os dias atuais ganhou espaço com o surgimento da revista *The New Yorker* em 1925, que se apropriava do humor e da criticidade para a construção do texto jornalístico. Entretanto, mesmo desenvolvendo novas técnicas e novos estilos de escrita, fazendo com que os textos possuíssem uma narrativa mais fluida, a crítica continuava sendo fundamental para o jornalismo cultural, pois ela é considerada “a espinha dorsal do jornalismo cultural” (PIZA, 2008, p. 28).

Com o passar dos anos, o Jornalismo Cultural se transformou, dando espaço para reportagens e entrevistas, tornando essa editoria em um espaço não apenas da crítica, mas de expressões culturais e de reflexões sobre os diversos cenários em que a arte se encontra. Carozzo (2011) afirma que a foi na cidade de São Paulo que o cenário do Jornalismo Cultural brasileiro mudou.

(...) é em 1980 que o jornalismo cultural muda sua cara e seu foco. Os dois principais jornais paulistanos, Folha de S. Paulo, que entrou em ascensão após as Diretas Já, em 1984; e o Estado de São Paulo, eclodiram seus cadernos, *Ilustrada* e *Caderno 2* (...) *Ilustrada* ficou famosa por seu gosto polêmico e por sua atenção à cultura jovem internacional que estava em plena ebulição, dando foco no cinema americano e música pop. Já o *Caderno 2*, tinha seus olhos voltados mais para a literatura, teatro e arte. (CARROZZO, 2011, p.14)

Até hoje, essas características mostram o diferencial do Jornalismo Cultural, que, além do texto mais dinâmico e descontraído, permite mais liberdade narrativa para dissertar sobre obras e eventos. A editoria de cultura sempre possuiu um viés mais opinativo, que se fazia presente, principalmente, nas críticas e nos textos mais rotineiros.

Historicamente, o impresso sempre flertou com a ideia de expressar um juízo de valor; entretanto, esse conceito só era trabalhado por meio das propagandas. Segundo Beltrão (1980), tudo mudou quando a Revolução Burguesa entrou em vigor durante os séculos XVII e XVIII, ajudando a restaurar o prestígio dos jornais e reformulando-os ao criar a imprensa de opinião que combatia os opositores, ao defender os princípios ideológicos da burguesia.

No Brasil, Rego (2007) afirma que a opinião floresceu nos jornais com a independência do país, que acabou com a censura imposta pela família portuguesa. Desta forma, nasceu um novo tipo de periódico, que não era obrigado a ser a assessoria particular do Império Luso, e nem precisaria de ter a aprovação governamental para

divulgação de informações. Agora, os jornais tinham autonomia tanto para divulgar notícias quanto para expor ideias próprias. Junto a essa liberdade, nasceu a imprensa livre no Brasil.

Nesse contexto, percebe-se que a opinião nos jornais afeta diretamente o contexto social de cada época, pois diferentemente das matérias padrões que seguem a regra da impessoalidade e da isenção, a opinião permite o posicionamento sobre acontecimentos tanto importantes quanto rotineiros, do veículo e do profissional (BELTRÃO, 1980). Isso permite que o jornal cumpra um papel social ainda mais forte do que o de costume: ao escolher um lado, tendo por base uma argumentação plausível esperada de qualquer veículo sério, o jornal ajuda a população a criar uma das ferramentas mais vitais para a manutenção de uma sociedade saudável – o pensamento crítico.

Sendo assim, a parte mais importante da opinião é provocar o debate, fazer o leitor exercitar seu pensamento crítico, relacionando-o, assim, com sua própria opinião e visão de mundo, podendo concordar ou não com a do jornal, pois segundo Beltrão (1980, p. 22), “o leitor gosta de discutir, debater, opinar. Em outras palavras, de exprimir julgamento baseado em fundamentos, não raro, insuficientes para produzir certeza. Dessa discussão, desse debate, desse entrechoque de opiniões é que nasce a opinião pública”.

Com o tempo, o jornal desenvolveu técnicas diferentes para expressar um juízo de valor, fazendo, assim, nascer diversos conceitos novos nas páginas dos periódicos. Alguns exemplos de novos conteúdos seriam os editoriais, as colunas, as crônicas e a página de opinião.

Características da crítica e do crítico

A crítica está atrelada ao julgamento de algo, a preocupação de emitir um juízo de valor (positivo ou negativo) sobre algo, sendo assim, a mesma se diferencia da opinião, tendo em vista que o embasamento nas argumentações críticas são mais aprofundados. “O crítico precisa conhecer a matéria que trata, ser um estudioso, estar em dia com tudo o que se refira à sua especialidade” (AMARAL, 1982, p.143).

A crítica trabalha a técnica e a estética, fazendo um estudo sobre os objetos dispostos a serem avaliados e tomando como base produtos semelhantes e a ciência (técnica) que embasa o produto. Segundo Rabaça (1987), a discussão emitida por um estudioso no assunto, fundamentada e publicada geralmente em veículos de massa (jornal, revista, livro, rádio, TV) a respeito de uma manifestação artística, trabalha a apreciação

estética e ideológica, desenvolvida a partir de um ponto de vista individual, no qual entra a experiência prática e/ou teórica do crítico a respeito de trabalho literário, teatral, cinematográfico, de artes plásticas, etc.

O exercício da crítica implica a compreensão de tudo o que participa do processo de criação de uma obra artística, suas técnicas, significados, propostas e importância no âmbito de um contexto cultural elaborado a partir de um padrão - moderno ou acadêmico - de proposta artística e pela comparação dos valores e informações da obra com o ideal estético daquele que analisa e opina, a crítica é também uma atividade criativa, na medida em que reinterpreta intelectualmente o objetivo examinado e propicia ao leitor um conjunto de impressões, ideias e sugestões que, inclusive, enriquecem a formação original. (RABAÇA, 1987, p 16-17)

A formação do crítico está associada a sua barragem, sendo assim, “o bom crítico deve ter uma boa formação cultural, conhecendo bem não só o setor que cobre, mas também outros setores – quanto mais melhor. Um bom crítico de cinema não o será se desconhecer a boa literatura e a história das artes visuais” (PIZA, 2008, p. 78).

Sendo assim, é importante destacar que a construção da crítica exige do profissional um repertório cultural vasto e variado, pois este será responsável por construir um conteúdo reflexivo sobre a linguagem, a narrativa, a história e as temáticas de uma obra. Além disso, este tende a analisar como os elementos são trabalhados no produto cinematográfico, guiando o consumidor a uma interpretação do que filme diz através da linguagem técnica e de conteúdo.

Um ponto forte nesse processo, é a construção da visão subjetiva do crítico e da própria expressão da arte. Segundo Tolstoi (1994), arte é a reprodução de um sentimento que o artista experimentou, é o nascimento de um produto oriundo do âmago de seu criador. Tendo essa ideia em mente, pode-se dizer que o impacto causado e o sentimento despertado pela arte em cada indivíduo é, sim, subjetivo, e da mais genuína validade. Entretanto, a análise dos aspectos técnicos não se restringe à subjetividade de seu analista ou de seu crítico.

A subjetividade da arte se faz da experiência humana ao presenciar a obra e não da arte propriamente dita. Os críticos aprendem a trabalhar a própria percepção, unindo a perspectiva subjetiva, com a racionalidade da visão objetiva sobre a arte analisada. No caso específico do cinema, conhecimentos sobre enquadramentos, luz, composição,

movimentos de câmera, interpretação, contribuem para uma visão mais efetiva e, porque não, mais afetiva também.

A absorção dessas técnicas é algo quase natural ao ser humano, como afirma Carrière (1995, p.13) “o cinema criou uma nova – absolutamente nova – linguagem, que poucos espectadores podiam absorver sem ajuda”. Sendo assim, o papel que o crítico exerce contribui para o entendimento do espectador.

Para Amaral (1982, p.142), o dever do crítico é “ensinar os outros a ler”. Podemos compreender que o papel desse profissional pode ser visto como o do educador, ao qual seu trabalho é alfabetizar o público na linguagem audiovisual a partir de exemplos práticos, visto que, “o crítico tem um papel social preciso, fazendo julgamentos sobre um filme (...) sua estrutura dramática e narrativa, a função dos personagens, o interesse dos temas, a pertinência das teses e a originalidade estilística” (MOURA, 2002, p. 2).

Outro ponto interessante a se analisar é o papel ético do crítico, pois como já dito, a crítica está associada a um juízo de valor, que pode ser positiva ou negativa em relação ao filme. Entretanto, algo que deve ser entendido é que um crítico não tem como objetivo de trabalho, maldizer um filme pelo simples fato de desejar que a obra seja ruim. O profissional precisa ter a obrigação de ser transparente na sua avaliação, e apresentar argumentos técnicos e embasados para validar sua visão, visto que, “o crítico deve esforçar-se para pôr de lado, no instante mesmo em que pensa em julgar, suas amizades, antipatias, sentimentalismo. No jornalismo, tão funesto é o elogio ditado pelo interesse material quanto o panegírico inspirado na afeição. (AMARAL, 1982, p. 144).

A crítica, além de educar o público a respeito da linguagem cinematográfica, tem o propósito de alimentar o debate sobre a sétima arte, pois sugere outra leitura sobre o cinema, de maneira mais técnica, estética e temática, prioritariamente tentando fundamentar o que é dito. A proposta desse gênero é ver além da cortina emocional que as obras despertam e entender o porquê e como essa cortina foi criada.

O jornalismo cultural no formato da crítica assume uma relevante importância para a sociedade, não no sentido de lhe dar informações políticas ou econômicas, mas no sentido de fornecer aos cidadãos (enquanto sujeitos) diferentes diagnósticos e visões da sociedade em que vivem, além de articular ideias e opiniões presentes no dia-a-dia da vida social no país. Esse tipo de reflexão tem uma importância fundamental na formação dos sujeitos, na medida em que exerce influência sobre suas tomadas de posição diante do mundo. (CARVALHO, 2008, p.10)

Acreditamos que as críticas são uma carta de amor ao cinema, muitas vezes exaltando-o, outras, condenando-o. Dito isso, vale ressaltar que a proposta de analisar uma obra não nasce pelo desgosto acerca desta, mas sim pela vontade de estudar o objeto proposto. A crítica é uma tentativa de estabelecer um diálogo, entre a obra, os seus criadores e o público, pois, subliminarmente, querer ler um filme é agregar mais valor a uma obra, é dar riqueza aos detalhes sentidos e não percebidos, criando uma relação entre os envolvidos.

Esse amor intrínseco entre os críticos e as obras avaliadas se fez presente através da história, durante a redescoberta de filmes que foram considerados fracassos em suas exibições iniciais para o público. Obras como “*Blade Runner*” e “*Clube da Luta*” foram filmes que não tiveram seu devido valor reconhecido e que a partir do trabalho dos críticos, puderam ter atribuído o brilhantismo que as obras mereciam. Gostaríamos de destacar, como uma declaração de amor à crítica, o monólogo final na animação “*Ratatouille*”, no qual o antagonista, o crítico culinário Anton Ego, disserta sobre o papel e o propósito da crítica.

De várias maneiras, o trabalho do crítico é fácil. Nos arriscamos muito pouco e, a respeito disso, desfrutamos de uma vantagem sobre aquele seu trabalho, e a si próprios, ao nosso julgamento. Nos empolgamos com críticas negativas, que são divertidas de se escrever e ler, mas a amarga verdade é que nós críticos devemos entender que no cenário a longo prazo, a mais simples porcaria é mais significativa do que a crítica em si. Entretanto, há momentos em que o crítico verdadeiramente arrisca algo, e isso acontece durante a descoberta e defesa de algo novo (...)⁴

Metodologia

O percurso metodológico para Gil (2002) é definido como os procedimentos a serem seguidos na realização de uma pesquisa científica. A organização e os meios usados variam de acordo com as peculiaridades de cada projeto.

Como a pesquisa teve interesse de entender o que é a crítica cinematográfica, o tipo de pesquisa usada foi a descritiva, pois pretende analisar a função da crítica, diferenciando os elementos que a diferenciem dos demais textos jornalísticos, sendo assim, “a pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto de estudo.

4 Disponível em: RATATOUILLE. Direção de Brad Bird. Estados Unidos: Pixar, 2007. 1 DVD (111min.).

(...) Nesse caso, a pesquisa não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características. (GONSALVES, 2001, p. 65).

A análise teve o caráter qualitativo, pois para estudar o papel do crítico foram feitas entrevistas com críticos de cinema como Mariana Peixoto, Otávio Ugá e Rafael Braz, para entender como esses profissionais veem o seu trabalho e como essa visão se reflete em seus textos e na profissão. Para isso, foi realizada uma entrevista semiestruturada, pois tem como princípio explorar as experiências vividas pelos entrevistados, o que é muito importante para este artigo. Foi utilizado um roteiro prévio para dar melhor direcionamento, pois a entrevista semiestruturada “é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 2002, p.117).

Outro método que foi usado para enriquecer a pesquisa e aprofundar o desenvolvimento deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, a partir de textos de jornalistas culturais e críticos para analisar o que pesquisadores científicos já concluíram sobre a crítica. Para Gil (2002, p. 50), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

O artigo, assim como a crítica, busca unir a visão objetiva da pesquisa e a subjetividade dos críticos que, em muitos pontos, convergem, para entender o papel da crítica no jornalismo cultural.

Análise

A crítica cinematográfica tem como objetivo examinar obras e/ou autores e tentar decifrar a linguagem cinematográfica usada para trabalhar a história presente nas telas. Nos textos, vídeos ou pela internet, são expostas ferramentas que diretores, roteiristas e atores usam para contar uma história, além de fazer um juízo de valor, ponderando se esses elementos foram efetivos dentro do filme.

Outra possibilidade é analisar os contextos sociais, políticos e econômicos com base em um filme, pois, assim como o cinema tem servido de pretexto para se analisar a sociedade, uma vez que no cinema a sociedade não é mostrada, mas encenada, a análise pode se apropriar dessa relação entre ficção e realidade para compreendê-lo.

Para produção do artigo foram feitas entrevistas semiestruturadas com 3 críticos de cinema: Rafael Braz, que é jornalista e lança suas críticas em texto e vídeo para o jornal

A *Gazeta* de Vitória/ES, além de ter quadros semanais sobre filmes e séries na *CBN Vitória*; Mariana Peixoto, que é também jornalista e escreve suas críticas para o jornal *Estado de Minas* de Belo Horizonte/MG; e Otávio Ugá, que é criador do canal do Youtube *Super 8*⁵, As entrevistas buscaram contemplar os aspectos de formação do crítico, a relação entre o crítico e o público e o papel da crítica em si.

A formação do crítico é algo vital para o bom desenvolvimento da análise fílmica, pois a crítica nasce da análise e da leitura dos elementos narrativos expressos em tela, como ângulos de câmera, roteiro, dentre outros. Aprender a ler o filme é essencial para analisá-lo e a crítica tem o objetivo de mostrar para o público essa leitura do filme e de fazê-lo entender como a produção usou recursos de linguagem para influenciá-lo.

Para Braz⁶, a formação para a produção de críticas se baseia em estudar de forma independente, ler livros sobre linguagem cinematográfica, e, através do consumo excessivo de filmes, estudar a linguagem presente nas obras assistidas. Peixoto⁷ concorda com essa ideia, afirmando que a bagagem cultural forma uma boa crítica, sendo preciso estudo, não só sobre cinema, mas sobre cultura em geral, política, teoria e história. Ugá⁸ complementa a fala dos dois, destacando que a base para formulação da crítica é o estudo do cinema, da história e da teoria, assim como a fotografia, a maquiagem, o roteiro, os efeitos e o figurino, afirmando também que, quanto maior o estudo ou a prática em relação à área, mais preparado é o crítico.

Para tanto, o bom crítico deve ter uma boa formação cultural, conhecendo bem não só o setor que cobre, mas também outros setores – quanto mais melhor. Um bom crítico de cinema não o será se desconhecer a boa literatura e a história das artes visuais (PIZA, 2008, p. 78).

Relacionando a crítica artística ao preparo do crítico, pode-se pontuar o argumento da subjetividade e da objetividade da arte. A subjetividade é a união de ideias, significados e emoções baseados no ponto de vista do sujeito individual. Já a objetividade se baseia em um ponto de vista que transcende a percepção individual, são percepções sólidas, isto é, podem ser constatadas por diferentes sujeitos.

5 O canal *Super 8* possui mais de 1,73 milhões de inscritos e é o segundo maior canal de crítica do *Youtube* mundial.

6 Entrevista cedida por Rafael Braz para Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://soundcloud.com/pedro-pimenta-342600481/entrevista-rafael-braz>

7 Entrevista cedida por Mariana Peixoto para Pedro Pimenta em 2020.

8 Entrevista cedida por Otávio Ugá para Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUEupRdLZms>

Dessa forma, podemos afirmar que arte tem seu viés subjetivo, que seria a reação do espectador ao filme, os sentimentos provocados, enfim, toda reação individual que é construída a partir da arte em questão. Entretanto, a objetividade se faz presente nos constructos objetivos dessa arte, que, no caso do cinema, seriam os elementos técnicos e estéticos que compõem a obra. Esses elementos são ferramentas objetivas que podem, com o estudo de linguagem, ser constatados por qualquer um que assistir ao filme, mas que, na perspectiva do crítico, ganha um destaque no momento de produzir a análise.

A crítica de um filme pode possuir pontos objetivos e subjetivos de uma obra, e, quando ambos são contemplados, a crítica tem mais chance de alcançar o público, pois abrange mais conexões. Apontar com demérito pontos objetivos de uma obra não significa um ataque à subjetividade do leitor que gostou do filme. Como afirma Ugá⁹, “a crítica deve ser encarada não como um ataque, mas como uma ferramenta de reflexão, uma ferramenta que vai dar certas luzes para onde seria interessante o espectador olhar e refletir”.

Outro ponto interessante nesse aspecto a ser analisado é a composição de uma crítica. Como mostrado anteriormente, o crítico pode ter uma formação tanto prática como teórica que perpassa a cultura, o cinema, a linguagem, o roteiro, a história ou outras áreas afins, porém, com o advento da internet, muitos ‘críticos’ ignoram o fator objetivo das obras, acrescentando apenas a opinião sobre o *looking feel* do filme analisado.

Com a internet, várias pessoas passaram a escrever suas opiniões pessoais sobre qualquer assunto, não só cinema. Bom ou ruim, gostei ou não gostei nunca foram quesitos levados a sério pela crítica especializada, que é uma análise ou estudo sobre uma obra ou um autor. (PEIXOTO, 2020)¹⁰

Dessa forma, podemos ver um pouco a diferença entre opinião e crítica com base na subjetividade e na objetividade da arte. A opinião tem como base o pensamento individual do espectador, a percepção única deste com base nas experiências e gostos individuais; em suma, a subjetividade propriamente dita. Como afirma Charaudeau (2013, p. 122) “a opinião revela o ponto de vista do sujeito a respeito de um saber. A opinião não enuncia uma verdade sobre o mundo, ela remete ao sujeito”. Já a crítica leva em conta a opinião do interlocutor, mas a base desta é a construída pela união da visão

9 Entrevista cedida por Otávio Ugá a Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUEupRdLZms>

10 Entrevista cedida por Mariana Peixoto para Pedro Pimenta em 2020.

subjetiva e objetiva, em que o fator concreto da obra analisada se baseia na experiência e na teoria cinematográfica, na qual, por sua vez, transcende-se a opinião do indivíduo para ver como o diretor e a produção no geral ajudaram na formulação dessa opinião. A crítica analisa não apenas o que o filme diz, mas também como ele o diz.

Isso também traz o questionamento da formulação da crítica, pois, além de ter os critérios objetivos de um filme, uma boa análise precisa de argumentos sólidos sobre a obra trabalhada. Como afirma Braz¹¹, é preciso falar com convicção, com propriedade do assunto e ter um texto coeso, além de lembrar de comentar para quem é produzida a obra.

[...] todas as características de um bom texto jornalístico: clareza, coerência, agilidade. [...] deve informar ao leitor o que é a obra ou o tema em debate, resumindo sua história, suas linhas gerais, quem é o autor etc. [...] deve analisar a obra de modo sintético mas sutil, esclarecendo o peso relativo de qualidades e defeitos, evitando o tom de “balanço contábil” ou a mera atribuição de adjetivos (PIZA, 2008, p. 70).

Peixoto¹² complementa a fala afirmando que é preciso conhecer o autor, as obras, “o período em que foi realizado, a teoria do cinema e os aspectos técnicos de um filme”. Ugá¹³ finaliza afirmando que mesmo uma opinião pode constituir uma crítica, porém essa opinião sem argumentos não acrescenta muito à discussão alguma.

Dessa forma, pode-se ver que a crítica, além de análise, é um exercício de debate, e, para uma boa discussão, é necessária a fundamentação de quem se propõe a debater, no intuito de, justamente, acrescentar algo ao filme. Precisa levar a interpretação sobre a película a outro caminho ou patamar que seja complementar à experiência cinematográfica. Rivera (2000) também complementa esse questionamento explicando os pontos básicos que definem uma crítica.

A crítica, em uma visão clássica, necessariamente, redutiva, se propõe a resumir o sentido da obra e o estabelecimento de um juízo de valor sobre ela; o de modo sumário se propõe uma interpretação e uma estimativa (com todas a cautela e precaução que se impõe a subjetividade do valorativo) (...) uma crítica de obra ou autor, supõe um aparato teórico e um aprofundamento intrínseco e extrínseco muito mais exigente (RIVERA, 2000, p.116-117).

11 Entrevista cedida por Rafael Braz para Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://soundcloud.com/pedro-pimenta-342600481/entrevista-rafael-braz>

12 Entrevista cedida por Mariana Peixoto para Pedro Pimenta em 2020.

13 Entrevista cedida por Otávio Ugá a Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUEupRdLZms>

Entendido o necessário para a formulação da crítica, é preciso entender o papel do crítico ante as obras e ao público. Segundo Braz, o papel do crítico funciona como um guia de consumo, pois a oferta de filmes é muito grande. Além disso, a crítica também serve para entender o motivo de certos filmes existirem, o contexto social destes e o que leva o público a consumi-los, pois “talvez seja esse o papel: mostrar pro leitor [...] algo além, algo que ele não esteja enxergando”¹⁴

O crítico deve ajudar o público a ler o filme, mostrar como a objetividade da obra resultou na subjetividade do espectador. Para Peixoto¹⁵ “o crítico (...) tem como papel analisar filmes e traduzir seus diferentes aspectos (fotografia, montagem, direção etc) para o público em geral”.

Entretanto, mesmo com esse objetivo, o relacionamento entre crítico e público não é dos melhores. Com o passar dos anos, os críticos foram vistos como esnobes e como pessoas que acreditam que a sua visão é a única. Para Braz¹⁶, essa culpa vem dos críticos de antigamente, que apenas recomendavam filmes *undergrounds* para um público diverso. Isso acabou criando a ideia do ódio ao popular por parte dos críticos, mostrando uma ideia elitista nas análises.

Já Ugá¹⁷ acredita que esse problema vem de certa parte do público, que não gosta de refletir sobre os filmes, ficando cautelosa, e até na defensiva, ao encontrar pessoas que gostam de pensar sobre as obras assistidas. Entretanto, ele vê uma luz no fim do túnel, pois fala que o engajamento em seus vídeos e nos conteúdos que posta é grande. Ele, a todo tempo, tenta desconstruir a visão do crítico esnobe para seu público.

Outro ponto interessante a ser debatido é o fato de alguns estúdios culparem os críticos pelo fracasso em seus filmes, afirmando que as obras são feitas apenas para os fãs. Isso se mostra um equívoco enorme ao ponto de os três entrevistados afirmarem que esse ponto não é relevante para a crítica em si, pois, no fim, o crítico é parte do público das séries e filmes. A diferença é que o crítico já costuma ser mais ‘calejado’ ao conhecer

14 Entrevista cedida por Rafael Braz para Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://soundcloud.com/pedro-pimenta-342600481/entrevista-rafael-braz>

15 Entrevista cedida por Mariana Peixoto para Pedro Pimenta em 2020.

16 Entrevista cedida por Rafael Braz para Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://soundcloud.com/pedro-pimenta-342600481/entrevista-rafael-braz>

17 Entrevista cedida por Otávio Ugá a Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUEupRdLZms>

mais de linguagem por meio de estudos, experiências ou, simplesmente, por ver mais filmes que o público geral.

O crítico tenta entender o filme em todos os aspectos da narrativa, da técnica e da história, além de tentar ler as entrelinhas na tela. No fim, talvez seja esse o trabalho da crítica: o de conhecer e educar sobre o cinema, o de levar a arte para frente, o de fomentar o debate e ajudar o público a ler e refletir sobre as obras e os autores. Mesmo que a relação entre o crítico e público em alguns momentos, seja turbulenta, a análise fílmica faz os filmes transcenderem a tela e ajuda o público a enxergar algo além do que os olhos testemunham. Esse é o trabalho de ajudar a ver a película para além de um mero passatempo, mas como uma verdadeira obra de arte.

E esse pode ser o caminho da crítica no Jornalismo Cultural, um espaço de debate, de diálogo e de colaboração entre os diferentes atores dessa narrativa, unindo a subjetividade da opinião, com a racionalidade e expertise do profissional.

Considerações Finais

Acreditamos que a crítica deve acrescentar algo ao debate. Deve colaborar no diálogo entre obra, criadores e público, utilizando uma linguagem acessível, fundamentando o que se diz. Como indagou Ugá na entrevista “Como alguém pode querer causar uma reflexão com uma opinião tão vazia?”¹⁸

Por isso reiteramos a necessidade do olhar experiente, que agrega, de forma profissional à experiência ao vivenciar um filme, independentemente da plataforma que isso aconteça.

Entretanto, esse tema ainda tem muito a ser analisado. Uma perspectiva que pode ser mais aprofundada é a relação entre crítica e público, a qual, mesmo abordada nesse trabalho, não era o foco do artigo. Seria interessante procurar entender, dentro do universo das críticas e críticos, o porquê dessa classe gerar certa repulsa em parte da população, independentemente de ser na área do jornalismo cultural. Outra área a ser estudada seria os vídeos *essay*, que são estudos mais aprofundados dentro de um aspecto específico de filmes, constituindo-se enquanto análises aprofundadas de pontos como fotografia, atuação e qualquer parte da composição da *mise en scène*.

18 Entrevista cedida por Otávio Ugá a Pedro Pimenta em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUEupRdLZms>

Referências Bibliográficas

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. 3º edição. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1982.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. 4º edição. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

CARROZZO, Raphael Reyna. **Jornalismo cultural**: uma análise dos textos de cinema do Caderno Dois do Jornal Impresso A Gazeta. Vitória, ES, 2011.

CARVALHO, Diego Barbosa de. **O Lugar da Cultura na Crítica de Música**: uma análise das críticas da revista veja. 2008. Disponível em: <https://facom.ufba.br/portal2017/404.php>. Acesso em 19 de Março de 2020

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FARO, J. S. **Reflexão sobre sua importância e seus desafios**. Observatório da Imprensa, Campinas, 12 de jun. de 2012. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed698-reflexao-sobre-sua-importancia-e-seus-desafios/> Acesso em 10 de set. de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. 2.edição. São Paulo: Contexto, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.

MOURA, Roberto. **Crítica cinematográfica**: considerações do novo milênio. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, ed. 2002, n. 3. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36821>. Acesso em: 12 de setembro de 2020.

PIMENTEL, Mariana Ramos. As mudanças no jornalismo cultural. Observatório da Imprensa, Campinas, 13 de nov. de 2012. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed720_as_mudancas_no_jornalismo_cultural/ Acesso em 26/04/2021.

PIZA, D. **Jornalismo Cultural**. 3º edição. São Paulo: Contexto, 2008.

RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

REGO, Ana Regina. V Congresso Nacional de História da Mídia, Intercom, 2007, São Paulo. **Carlos Castello Branco e a opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Carlos%20Castello%20Branco%20e%20a%20opinia%20no%20jornalismo%20brasileiro.pdf> Acesso em: 12 de setembro de 2020.

RIVERA, Jorge B. **Periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

TOLSTOI, Leon. **O que é a arte?** Tradução de Yolanda Steidl de Toledo e Yun Jung Im. São Paulo: Experimento, 1994.